

Paula de Oliveira Ribeiro

João Francisco Vilhena

Fotografia

Casas D'Escritas

Círculo de Leitores

Paula de Oliveira Ribeiro

João Francisco Vilhena
Fotografia

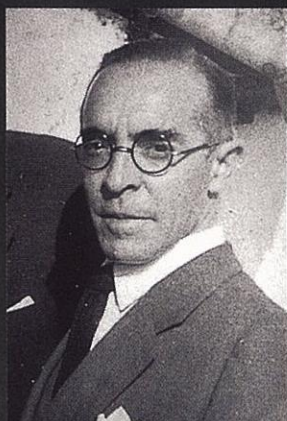
Prefácio de
Eduardo Prado Coelho

Casas D'Escritas

Círculo de Leitores







José Régio

«Era uma vez um Poeta
Que vivia num Castelo,
Num Castelo abandonado,
Povoado só de medos...»

Um homem, duas casas, três terras: Vila do Conde, Coimbra, Portalegre. Uma aparência tranquila em nada deixava adivinhar as suas dramáticas batalhas internas. Uma personalidade complexa espalhada em obra múltipla: poesia, conto, romance, teatro e crítica. Deu aulas, colecionou antiguidades, desenhou e escreveu. Discutiu com Deus e com o Diabo. A pensar no futuro, deixou as suas casas transformadas em museus e a sua literatura viva ainda por descobrir. Foi, sobretudo, fiel a si próprio, do primeiro livro ao último suspiro. Ou não fosse Régio o autor dos célebres versos: «Não, não vou por aí! Só vou por onde/Me levam meus próprios passos...»

«Nasci *antes* do tempo. A mim próprio me pergunto hoje se não teria antes nascido *depois*. A verdade é que muitas vezes ando de candeias às avessas com o tempo em que vivo, sem saber se lhe estou atrasado ou adiantado, — e entre mim e o Tempo há entendimento e lutas que não percebo muito bem eu próprio.»¹ José Maria dos Reis Pereira, o segundo filho do casal Maria da Conceição Reis Pereira e José Maria Pereira Sobrinho, nasceu a 17 de Setembro de 1901, na Avenida Campos Henriques (hoje Avenida José Régio), em Vila do Conde, «uma daquelas vilas que têm alma».

A mãe era dona de uma personalidade invulgar. Apesar da trabalhosa vida doméstica, da estreiteza do meio e da pouca instrução literária que recebera, «a sua sensibilidade — quando não conturbada pela paixão, pois então facilmente destrambelhava um pouco — revelava-se muito inteligente (...)»² «Creio que meu pai sempre reconhecera a sua superioridade, na sensibilidade e na inteligência; — de aí a estima (além do afecto), a quase humildade com que sempre a tratou.»³

A infância do menino José Maria foi passada em três casas, que para ele acabaram sendo «uma só com três secções: a que propriamente pertencia a meus pais, e que para eles fora mandada construir pelo "tio brasileiro", o homem rico da família; a da "madrinha Libânia", que chamávamos "a outra banda" e comunicava com a primeira; e a "do avô" (nosso avô paterno) que era ali muito perto, e aonde meu irmão Júlio e eu íamos jantar ou cear em dias certos. Nesse tempo, em nossas casas, ainda as refeições eram designadas à antiga portuguesa. Na outra banda, isto é: em casa da madrinha Libânia, tomávamos as refeições, e aí era o centro das festas.»⁴

Estas casas e o seu ambiente religioso povoado de singulares personagens moldarão o futuro poeta. O avô Antoninho era um monárquico miguelista, delicado de gostos e cuidadoso na aparência («perfumava-se, naqueles tempos!»⁵) que viveu até aos oitenta e muitos anos. A sua extrema religiosidade não o impediu de casar em segundas núpcias com a jovem Catarina, contra a vontade dos seus dois irmãos. O tio brasileiro, cuja fortuna, ao que dizem, foi feita em Terras de Santa Maria por se ter tornado *maçon*, deserdou-o mesmo, deixando a sua herança à irmã Libânia. Também ela, a matriarca da família, que com o seu «feito autoritário, austero, caprichoso, atraía uma espécie de timorato respeito»⁶, não podia ver com bons olhos a união do irmão com uma rapariga do povo, simples rendilheira e muito mais jovem. Com as três criadas beatas, a velha cozinheira Piedade, a Maria-do-avô e a estimada Ana, fica completo o conjunto de figuras no quadro da meninice de José Maria.

Por todo o lado se encontrava religiosidade: rezava-se o terço a meio da tarde, rezava-se à hora de deitar e, em Maio, celebrava-se o mês de Maria, com altares montados nas casas, reunindo quase todo as

¹ in *Confissão Dum Homem Religioso*, Brasília Editora, p. 60.

² Idem, p. 51.

³ Idem, p. 51.

⁴ Idem, p. 30.

⁵ Idem, p. 42.

⁶ Idem, p. 30.

beatas da vila. Os quartos povoados de imagens religiosas, os cânticos, os sons do órgão, os raios de sol nos vitrais, o perfume das flores e dos incensos, as luzinhas das velas, acrescidos de um grande amor pelo avô, seduziam aquela criança que sonhava «ora ser padre... ora marinheiro».⁷

Havia também uma quarta casa, a da tia Micas, irmã da mãe e madrinha de José Maria. Antes de ir viver com eles, vivia «na casa que herdara de seus pais — meus avós maternos — onde havia um quintal e um sótão cujas particularidades pertenciam aos *meus segredos*. Sem dúvida tenho a *mania* dos quintais e das casas. E o nosso próprio quintal primitivo, o quintalzinho de meu avô, ao rés do seu quarto, e o estreito comprido quintal de minha madrinha — foram pequenos e inesgotáveis mundos íntimos a que a minha infância esteve e ficou muito ligada».⁸

Foram cinco os irmãos Reis Pereira: José Maria, Júlio, Antonino, que aos dezassete anos foi para o Brasil, de onde nunca regressou, Apolinário e João Maria. Houve duas Aninhas e ambas faleceram muito jovens. Os mais velhos, pela proximidade de idades e gostos, sempre foram muito próximos. Júlio tornou-se um excelente artista plástico, ilustrador da maior parte da obra de José Régio, além de poeta sob o pseudónimo de Saul Dias. Os dois irmãos fazem até ao quinto ano do liceu em Vila do Conde, completando depois os estudos no Porto, experiência que não agradou a nenhum.

Neste início de adolescência, José Maria será profundamente afectado por uma doença que provoca insónias e angústia, cansaço e sonos febris, batimentos acelerados de coração, e uma profunda falta de vontade para o que quer que fosse. E por ter ganho a noção de que está a perder a fé. «Na realidade, nem sei se rigorosamente se pode chamar fé a uma aceitação de doutrinas, fábulas, mitos maravilhosos ainda não consciencializados, não examinados, não postos em causa. O que sei é que, tendo morrido meu avô, declarei a meus pais que não voltaria a comungar nem a confessar-me; e só iria à Igreja quando me apetecesse. (...) A verdade é que eu já deixara de crer ou achar sentido vivo, íntimo, religioso, na confissão e na comunhão. Se continuara a praticá-las, fora por amor e respeito para com meu avô (...)»⁹

Durante a convalescença, José Maria leu e releu *Só* de António Nobre, o que não só o afectou profundamente como o fez sonhar com Coimbra. Ainda mal recuperado, é nessa cidade que inicia, aos dezoito anos, o curso de Filologia Românica. «Tinha uma figura pouco vista e andava de estudante, com um capindó curto cujas pregas caíam simetricamente dos ombros, usava um laço preto, e falava com um forte sotaque à moda do Porto.»¹⁰

Por esta altura, recebe do amigo José Marinho um exemplar de *A Alegria, a Dor e a Graça* com a seguinte dedicatória: «Ao Reis Pereira "(eu ainda não era o José Régio)" do Mestre para o futuro discípulo. "E eu escrevi ao lado, a lápis, esta coisa ingénua e pretensiosa: o Reis Pereira NÃO QUER SER DISCÍPULO SENÃO DE SI MESMO."»¹¹

A mesma ideia foi posta em verso no seu definitivo «Cântico Negro»: «Ninguém me diga: "Vem por aqui!" / A minha vida é um vendaval que se soltou. / É uma onda que se alevantou. / É um átomo a mais que se animou... / Não sei por onde vou, / Não sei para onde vou / — Sei que não vou por aí!»

Um dos mais dramáticos poemas da língua portuguesa foi publicado, pela primeira vez, numa edição de autor, de 1926¹², em Coimbra. É com *Poemas de Deus e do Diabo* que nasce José Régio, o pseudónimo nunca explicado.

Com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, funda a revista *Presença*, cujo primeiro número sai a 10 de Março de 1927. No artigo de capa da primeira edição, intitulado «Literatura Viva», José Régio defendia que «Em Arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística».

No mesmo ano de 27 segue como professor provisório para o Liceu Alexandre Herculano, no Porto. «(...) o meu primeiro ano de professorado foi dos mais sombrios da minha vida».¹³

Biografia, o segundo livro, é dado à estampa pelas Edições Presença, em 1929, ano da ida de José Régio para o Alentejo, onde será professor de português e de francês, director do ciclo e, durante algum tempo, bibliotecário no liceu de Portalegre.

Num casarão que se supõe do século XVII, ao pé do cemitério, ficava a Pensão 21, assim chamada por ser este o apelido das duas irmãs proprietárias, Rosalina e Ludovina Vinte e Um. Lá se instalou o Dr. Reis Pereira para o resto da vida. De início, ocupava apenas um quarto, do qual mais tarde fez de escritório, o único com varanda. No quarto contíguo, viviam cinco estudantes tão barulhentos que, com o tempo, Régio convenceu D. Ludovina a alugá-lo também para si. Aos poucos, foi tomando conta da

⁷ Idem, p. 49.

⁸ Idem, p. 55.

⁹ Idem, p. 61.

¹⁰ in *In Memoriam de José Régio*. «O Meu Amigo Reis Pereira» por A. Martins de Carvalho, Brasília Editora, 1971, p. 27.

¹¹ in *Confissão...*, p. 69.

¹² Nalgumas edições consta 1925.

¹³ in *Confissão...*, p. 67.

casa inteira. Os dias em Portalegre, «sua terceira terra», passavam calmos entre a casa, o liceu a escassos metros e as refeições tomadas no 21, na dependência do Largo da Boa Vista.

Começa então a sua notável coleção de antiguidades e, em particular, um conjunto único de arte popular portuguesa. Com o irmão Júlio, nesta época em Évora, percorre o Alentejo em busca de móveis e objectos antigos. Nos finais do século XIX, mandava a tradição que cada filho que casasse deveria levar para a nova casa um crucifixo. Nos nossos anos 40, este hábito, bem como o culto da arte sacra em geral, estava em completo desuso, o que permitiu a Régio, apesar do seu pequeno salário de professor, ir adquirindo peças valiosíssimas, inclusive um Cristo do século XIV achado dentro de uma arca cujo proprietário respondeu, quando lhe fizeram notar o conteúdo: «Se o Senhor Doutor quiser leva, senão vai para queimar.» Uma Santa Catarina francesa, do mesmo século, a sua peça mais cara, foi comprada por quatro mil escudos tendo dado o poeta para pagamento o cheque que recebera com o salário de um mês.

Com o Joaquim, empregado de limpeza do liceu, e o seu burro, muitas vezes partiu à procura das velhas novidades. Quando não comprava nada vinha o Régio no burro, se tivesse comprado, vinham os dois a pé, trazendo pelos arreios um burro carregado. Tratou de arranjar um carpiteiro para os restauros, Manuel Bilé, e alugou até uma pequena oficina em frente à sua casa.

Era um bom negociante que só comprava o que lhe agradava. Quando achava uma peça que gostasse mais, ou porque não tinha onde pôr ou porque não tinha dinheiro para a pagar, impingia uma das velhas a um amigo. Guy Fino, que com ele conviveu largos anos, conta que mal chegava a sua casa Régio lhe dizia sem rodeios: «Tenho lá uma cómoda que fica muitíssimo bem aqui.»

De sentido estético apuradíssimo, era um excelente desenhador — «desviei-me das artes plásticas para a literatura»¹⁴ —, sendo a sua própria caligrafia um prazer para os olhos. Não usava máquina e passava a limpo pacientemente tudo o que escrevia. «Neste acto de *passar a limpo*, sempre vagaroso, por um lado enriqueço muito o manuscrito anterior (ao menos é o que julgo) por outro corto e substituo bastante.»¹⁵ Mantinha, por isso, um permanente conflito com as gráficas, exigia rever as provas e recomendava que zelassem pela sua integridade quando nas mãos dos tipógrafos. «Tenho sempre um medo tremendo das gralhas, e ainda mais quando se trate de versos.»¹⁶

A sua vida amorosa é um mistério. Fala-se de muitos, mas de poucos se sabe. Teve uma filha que morreu ainda bebê: «Botão de rosa branca fechadinho/Que aprovou à morte vir colher,/Faz dó deitar-se fora aquele anjinho!//E o pobre pai não pode compreender...»¹⁷ Da mãe do anjinho nada se conhece.

Sobre o casamento estamos esclarecidos. «Se eu *resolvi* muito novo não me casar, (apesar disso, mais de uma vez estive à borda do matrimónio) foi por me parecer que me dedicaria por demais à mulher, aos filhos, à casa —, e isso prejudicaria a obra *gigantesca* (!) que eu me propunha a realizar.»¹⁸ No interior dessa «obra gigantesca», a sensualidade é abordada de maneiras diferentes. Na sua *Confissão Dum Homem Religioso*, a «natureza sensual» aparecia como objecto de combate: «por um lado era atraído à satisfação da mera sensualidade: ao gozo da simples sensação. Mas natureza espiritual, por outro lado reagia contra esse poder do sensitivo, que me escravizava; que me parecia reduzir o homem a práticas puramente animais.»¹⁹ Mas é do mesmo autor o poema «União», de «O Amor e a Morte»: «Tenho, ainda, o teu corpo nos meus braços;/Sobre os meus ombros, teu cabelo./Descansando dos meus e teus cansaços,/Tu dormes por nós ambos. Só eu velo.//Nos meus braços teu corpo estremeceu,/Desse tremor o meu foi percorrido./Colados, curva a curva, onde começa o teu?/Onde se acaba o meu? Teu e meu têm sentido?»²⁰

O seu primeiro romance, *Jogo da Cabra Cega*, é editado pela Presença, em 1934, e é imediatamente proibido pela Censura. Dois anos depois, na mesma editora, é a vez da poesia com *As Encruzilhadas de Deus*.

Nos anos 40, finda a experiência da *Presença*, Régio isola-se cada vez mais em Portalegre, saindo só nas férias para Vila do Conde e, muito excepcionalmente, para Lisboa. Nunca saiu do país, as gares causavam-lhe tristeza e inquietação, e as viagens angústia.

Trabalhava intensamente e o tempo que lhe sobrava passava-o com amigos, ora em casa deles — com Guy Fino jantava às quintas-feiras e almoçava aos domingos —, ora no Café Central, ao pé de Hernâni de Oliveira, o alfaiate que lhe fazia os fatos, tantas vezes pagos pelos mesmos amigos. Era bebedor de café, de álcool quase nunca. Fumava bastante, enrolando os cigarros com minúcia.

Tinha um especial carinho pelas flores e por jardinagem. Revela-nos, em *Confissão...*, a comoção que sentiu ao descobrir, no pequeno quintal da casa térrea que alugara para armazém das velharias, as

¹⁴ Idem, p. 36.

¹⁵ in *Correspondência Jorge de Sena/José Régio*, IN-CM, p. 246.

¹⁶ Idem, p. 54.

¹⁷ «Enterro de Anjinho», in *Mas Deus É Grande*, Brasília Editora, p. 15.

¹⁸ in *Correspondência...*, pp. 248 e 249.

¹⁹ in *Confissão...*, p. 161.

²⁰ in *Filho do Homem*, Brasília Editora, p. 33.

mesmas rosas rubro-escuras que perfumaram a sua infância. «Creio que só então, re-aspirando com íntima e quase dolorosa volúpia, o seu intenso cheiro a mel e pimenta, pude compreender a fundo certa página célebre do autor do *temps retrouvé*.»²¹

Proust e Stendhal foram os seus escritores de cabeceira, acompanhados por Flaubert, Tolstoi, Baudelaire e Ibsen, que o fez ficar todo um dia na cama lendo *Os Espectros*. O seu primeiro poeta português foi João de Deus, a quem se manteve fiel, do mesmo modo que António Nobre continuou a despertar especial magia. A Cesário Verde considerava-o um mestre superior. Camilo e Júlio Verne acompanharam-no desde a biblioteca do pai, era ainda criança. Mais tarde descobriu Kafka e Robert Musil, e reconhecia inteligência e imaginação nos livros de Agatha Christie e Simenon.

De 1945 são a poesia de *Deus É Grande* e *Uma Gota de Sangue*, o primeiro volume da longa saga inacabada *A Velha Casa*. Dois anos depois, no segundo, *As Raízes do Futuro*, Régio descreve muito do seu ambiente de infância, o das rezas e das velhas criadas, como a cozinheira Piedade e a madrinha Libânia.

A mãe querida, com quem bastava trocar um olhar para que se entendessem, morre em 1946, no mesmo ano da edição da colectânea de contos *Histórias de Mulheres*.

No Teatro Nacional D. Maria II estreia, em 1947, a peça *Benilde ou A Virgem-Mãe*. Para seu pai, era a realização de um sonho. A crítica foi terrível. Não virá daí desânimo de maior. A peça *El-Rei Sebastião*, poema espectacular em três actos, é editada em 1949, inaugurando um período de intensa actividade. Queixa-se de muito trabalho e da saúde sempre precária. Durante toda a vida teve problemas de estômago, como seu pai e seu avô, e terríveis dores de cabeça que lhe estragavam dias inteiros.

No início de 1957 morre o seu pai, o que muito o abala. «(...) envelheço muito de cada vez que me falta mais alguém a quem estava, e continuo a estar, ligado».²² Cansado, pensa em deixar o liceu mas considera a falta que sentirá do convívio com os alunos.

Aos sessenta e um anos, Régio decide reformar-se para se dedicar por inteiro à criação literária. Em 1964, vende à Câmara Municipal de Portalegre, por 1180 contos, o recheio valiosíssimo da sua casa, reservando para si o seu usufruto. A condição é que a Câmara deveria adquirir o imóvel — que foi toda a vida alugado — e reformá-lo de modo a albergar uma casa-museu. Herdeiro da casa da madrinha Libânia, paredes-meias com a de seus pais em Vila do Conde fez, com a respectiva Câmara, um acordo semelhante.

Com o título *Vidas São Vidas*, edita em 1966 o quinto e último volume d' *A Velha Casa*. Em Dezembro, dá entrada no Sanatório do Lumiar, em Lisboa, com, entre outros males, uma afecção pulmonar. Sofre terrivelmente a ponto de se tornarem estes os dias mais sombrios da sua vida. Não conseguia sequer ler, e pensa em suicidar-se.

Mas recupera, e, em Março de 1967, regressa a Vila do Conde. Trabalhava freneticamente, como se tivesse rejuvenescido. *Cântico Suspenso*, o seu último livro em vida, sairá em 1968. Escreve para jornais, inicia o sexto volume d' *A Velha Casa*, que interrompe para dar lugar à *Confissão Dum Homem Religioso*, acerca da qual escreve a Eugénio Lisboa numa carta de 5 de Fevereiro de 1969: «Não sei bem o que venha a ser para os outros semelhante livro, que pelo menos será um livro único na Literatura Portuguesa. Preciso de certa coragem para o vir a publicar, porque desce a particularidades de análise um tanto penosas, mas sai-me com facilidade espantosa. Que diabo! andava a ser feito dentro de mim há tantos anos!»²³

Em fins de Maio vai a Portalegre inspecionar as obras da casa-museu, onde se demora até Julho. Volta a Vila do Conde e, no dia 9 de Outubro, depois de almoçar com o seu grande amigo Alberto de Serpa, José Régio sofre um enfarte do miocárdio, o mais violento que o médico que o atendeu observou em trinta anos de clínica.

No seu pequeno quarto caiado, com vista para o jardim e cheiro de mar e de infância, na velha casa povoada com os seus fantasmas, na sua cama barroca, rodeado de imagens de Nossa Senhora, altares com todos os santos, oratórios de vários séculos, terços e crucifixos, morreu serenamente o poeta na madrugada de 22 de Dezembro.

Quase trinta anos passados, as casas continuam intactas, transformadas em museus, abertas ao público. As câmaras municipais cumpriram, mas só em parte, os desejos do poeta. Não há nem em Vila do Conde nem em Portalegre, um catálogo, um livro, por pequeno que seja, que conte as histórias daqueles preciosos objectos, de que época são, quando e onde foram adquiridos e, principalmente, quem foi aquele estranho homem que os colecionou. Percorrendo todas aquelas salas enceradas, ouvindo o eco dos próprios passos, observados por centenas de olhos santos, apanhamo-nos a rezar para que ele tenha finalmente encontrado Deus e saciado a sua fome do absoluto. Inevitavelmente, vem-nos à memória os seus versos: «Já, morrido esgotado de mil vidas,/Me ressuscito, imenso, em todos nós.»²⁴ Ámen.

²¹ in *Confissão...*, p. 34.

²² José Régio, *A Óbra e o Homem*, p. 102.

²³ Idem, pp. 111 e 112.

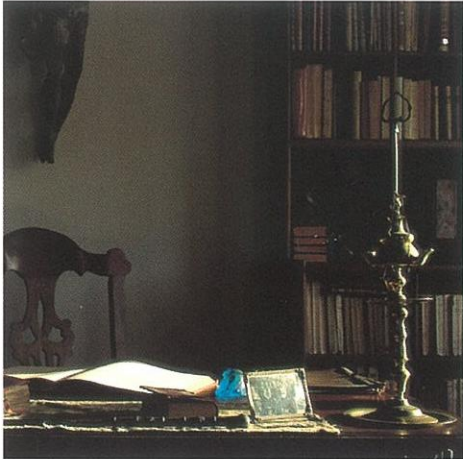
²⁴ «Legião», in *Biografia*, Brasília Editora, p. 165.





«Abria, de manhãzinha,
As vidraças par em par.
Entrava o mar no meu quarto
Só pelo cheiro do ar.
Ia à praia, e via a espuma
Rolando pelo areal,
Espuma verde e amarela
Da noite de temporal!
Empurrada pelo vento,
Que em sonhos ouço ventar,
Ia à praia, e via a espuma
Pelo areal a rolar...»

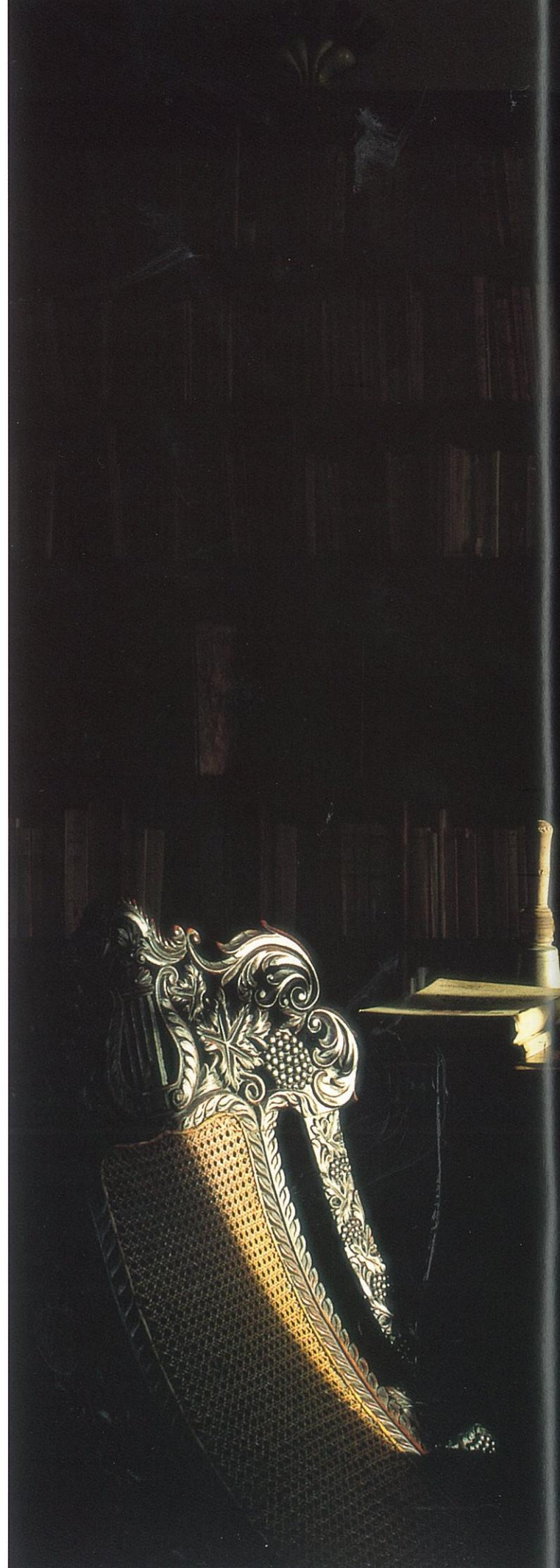
«Romance de Vila do Conde», in *Fado*.



«Sim, bem sei que o tablado em que figuro
Longe está de mim léguas e léguas.
Minhas pupilas viam longe... e eu cego-as;
Mas sei que finjo achar o que procuro.

Sei que o meu sonho é imenso e anseia ar puro,
Mas, no meu gabinete, o meço a réguas.
Sei que devo aguardar, velar sem tréguas,
Mas busco o sono e embrulho-me no escuro.»

«Struggle for Life», in *Biografia*.







«Entre os seus trastes, modestos, minha madrinha orgulhava-se de incluir uma grande imagem de Santo António, que recebia honras particulares de entronização quando ela vivia em casa própria. Ainda a conservo, herdei-a em partilhas. Vinha já de meus avós. E não só fora objecto de devoção de minha madrinha, como também, já na nossa casa, de minha mãe. Assim volto à religiosidade um pouco desconcertante de minha mãe. O culto das imagens, que aos religiosos evoluídos de hoje parecerá anacrónico, ultrapassado, supersticioso, pagão, primitivo, decerto revelava (ou revela, porque ainda persiste nas gentes simples) um obscuro e atávico feiticismo. E nem por isso, e quem o não entende pouco entende das complexidades da vida religiosa profunda, era ou é vazio de verdadeira espiritualidade. Bem sabiam — bem no sabiam, embora aparentemente o esquecessem, esses veneradores ou veneradoras de imagens! — que elas não são senão *imagens*, retratos, evocações, dos verdadeiros Seres vivos e transcendentés que "estão no céu". Digamos que servem de intermediários entre os pobres de nós e Esses.»

in *Confissão Dum Homem Religioso*.



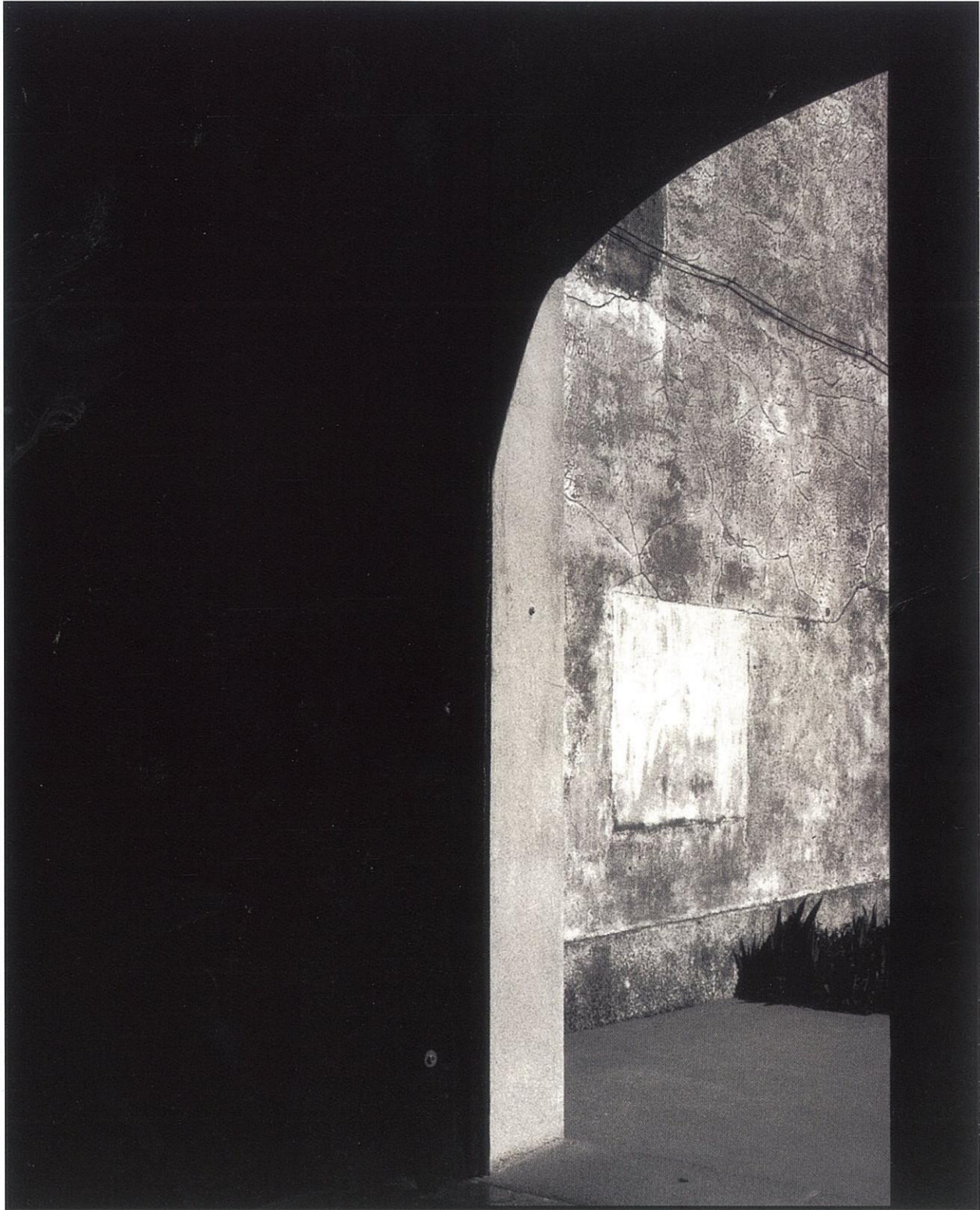
«Do sol que morre além,
Que florete de luz, inesperado,
Vem,
Que faz arder como um diamante enorme
O vidro dum paupérrimo telhado?
Lá dentro, um poeta dorme.
Não dorme, que morria
Ao abandono.
Por que iluminas, sol, o sótão sem janelas?
Tontos do vinho e o sono
Da folia,
Os cegos bailam fora aos encontrões e apalpadelas,
Satisfeitos de si na romaria.»

«Elegia», in *Cântico Suspenso*.

«Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros,
Morei numa casa velha,
Velha, grande, tosca e bela,
À qual quis como se fora
Feita para eu morar nela...

Cheia dos maus e bons cheiros
Das casas que têm história,
Cheia da ténue, mas viva, obsidiante memória
De antigas gentes e traças,
Cheia de sol nas vidraças
E de escuro nos recantos,
Cheia de medo e sossego,
De silêncios e de espantos,
— Quis-lhe bem, como se fora
Tão feita ao gosto de outrora
Como ao do meu aconchego.»

«Toada de Portalegre», in *Fado*.





«Tenho ao cimo da escada, de maneira
Que logo, entrando, os olhos me dão nela,
Uma Nossa Senhora de madeira
Arrancada a um Calvário de capela.

Põe as mãos com fervor e angústia. O manto
Cobre-lhe a testa, os ombros, cai composto;
E uma expressão de febre e espanto
Quase lhe afeia o fino rosto.

Mãe das Dores, seus olhos enevoados
Olham, chorosos, fixos, muito além...
E eu, ao passar, detenho os passos apressados,
Peço-lhe: — "A sua bênção, Mãe!"

Sim, fazemo-nos boa companhia,
E não me assusta a sua dor: quase me apraz.
O Filho dessa Mãe nunca mais morre. Aleluia!
Só isto bastaria a me dar paz.
— "Por que choras, Mulher?" — docemente a repreendo.
Mas à minh'alma, então, chega de longe a sua voz
Que eu bem entendo:
— "Não é por *Ele*..."
— "Eu sei! teus filhos somos nós."»

«Nossa Senhora», in *Mas Deus É Grande*.



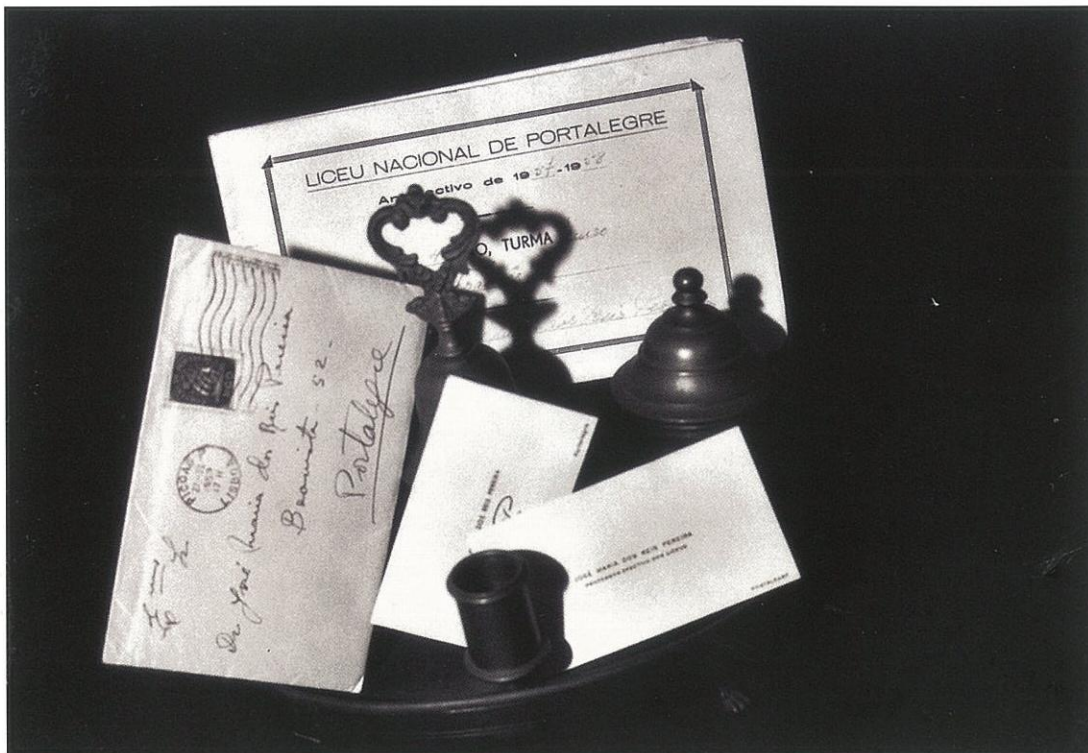


«Ora da névoa e da lama,
Trágicas mãos, mãos ardentes,
Mãos de angústia e resistência,
Incólume, erguem a chama
Que de sempre aos céus reclama,
Para os mortos existentes,
Vida!, e não só existência...

Ventos do inferno assoprando,
Trovões e raios, procelas,
Trevas da noite que abafa,
Vãos porfiais, açoitando
O altivo e mísero bando
Que alçando vem às estrelas
A imensa benta mão gafa!»

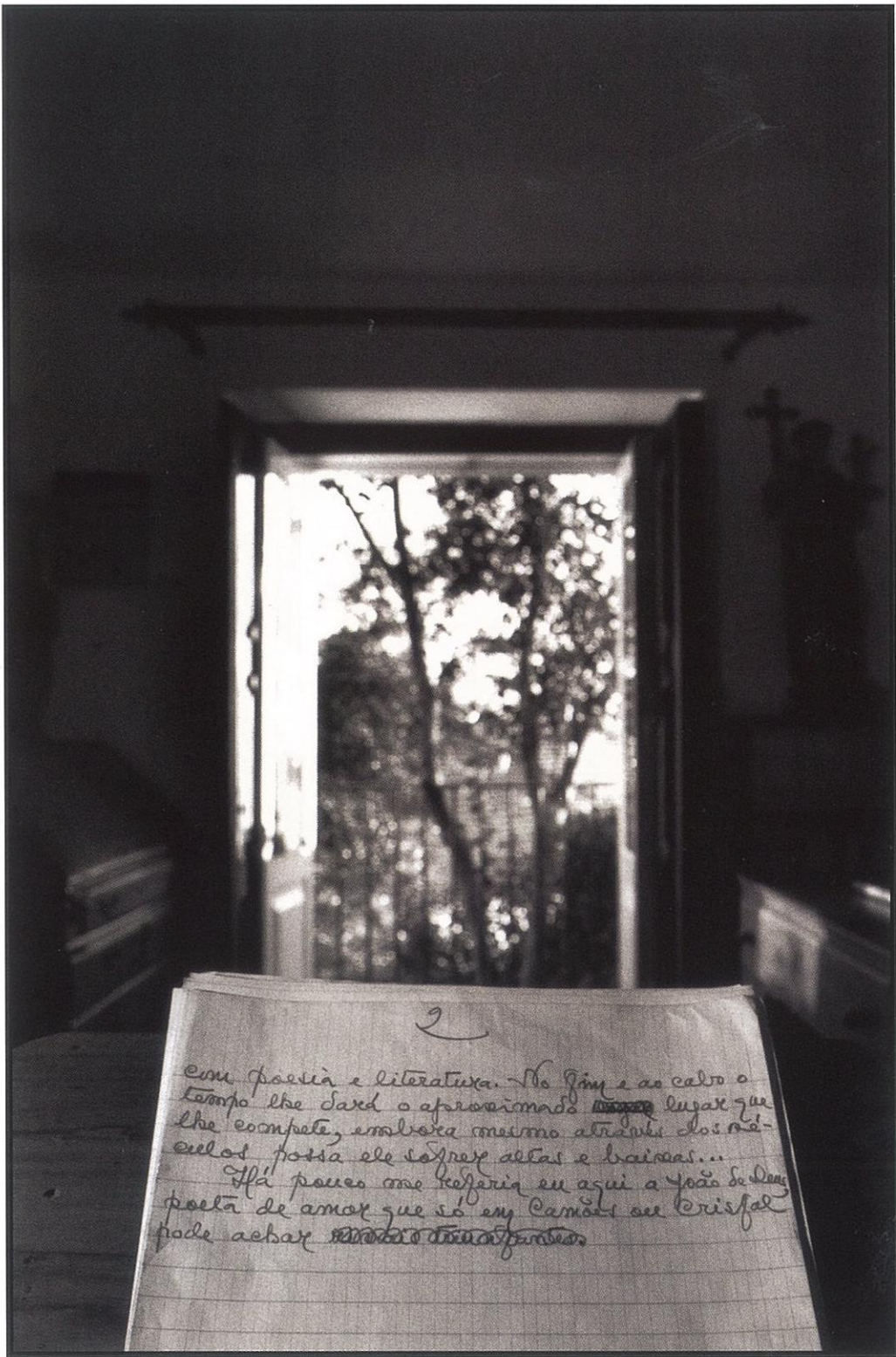
«Os Cristos», in *Fado*.





«Quem desespera dos homens,
Se a alma lhe não secou,
A tudo transfere a esperança
Que a humanidade frustrou:
E é capaz de amar as plantas,
De esperar nos animais,
De humanizar coisas brutas,
E ter criancices tais,
Tais e tantas!,
Que será bom ter pudor
De as contar seja a quem for.»

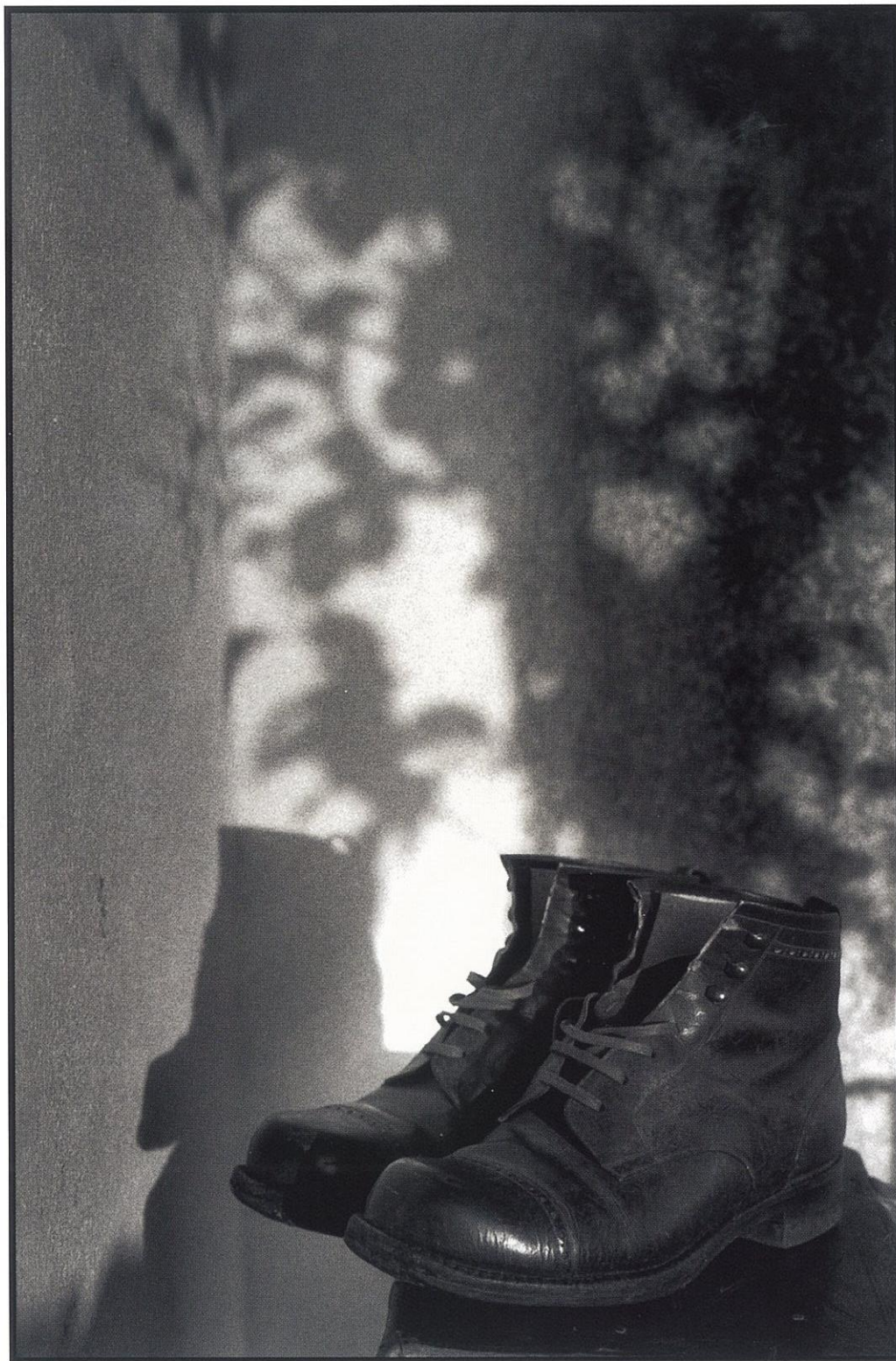
«Toada de Portalegre», in *Fado*.



2
com poesia e literatura. No fim e ao cabo o
tempo lhe dá o apreço mesmo ~~de~~ lugar que
lhe compete, embora mesmo através dos cé-
lulos possa ele sofrer altas e baixas...

Offá pouco me referia eu aqui a João de Deus
poeta de amor que só em Camões ou Crisfal
pode achar ~~seus~~ ~~seus~~ ~~seus~~ ~~seus~~





«Mas eu não sou de morrer!
Eu vou voando!
Sou asas para o Porvir...»

«As minhas asas, – deu-mas...», in *Mas Deus É Grande*.